



EFICIÊNCIA PRODUTIVA DA AGROPECUÁRIA DA MESORREGIÃO OESTE DE SANTA CATARINA E SEU NOVO ESPRAIAMENTO TERRITORIAL PÓS-2003

Roberto César Costa Cunha⁴⁴ Carlos José Espíndola⁴⁵

RESUMO

O texto tem como objetivo desvendar a eficiência produtiva agrícola no Oeste catarinense e o novo espraiamento ocorrido nas estruturas microrregionais de produção pós-2003. No Oeste do estado de Santa Catarina vem ocorrendo um novo processo de espraiamento microrregional, sobretudo, nos produtos das lavouras temporárias e permanentes, e na silvicultura, especialmente, a madeira. E esse processo é determinado pelas vantagens dinâmicas competitivas. O Oeste catarinense sofre processos de desconcentração, especialização; disseminação em todas as microrregiões.

PALAVRAS-CHAVE: Eficiência produtiva; Estruturas produtivas mesorregionais; Especialização; Formação socioespacial.

ABSTRACT

The text aims to reveal the efficiency of agricultural production in the West of Santa Catarina and the new sprawl that has occurred in the microregional structures of production since 2003. In the West of the state of Santa Catarina, a new process of microregional sprawl has been occurring, especially in the products of temporary and permanent crops, and in forestry, especially timber. And this process is determined by dynamic competitive advantages. The West of Santa Catarina is undergoing processes of deconcentration, specialization, and dissemination in all microregions.

KEYWORDS: Productive efficiency; Mesoregional productive structures; Specialization; Sociospatial formation.

⁴⁴ Doutor em Geografia-Ufsc, Pesquisador -Fapesc, robertoujsma@hotmail.com

⁴⁵ Doutor em Geografia-USP, UFSC, Carlos.espindola@ufsc.br

INTRODUÇÃO

Em 2020, o valor bruto da produção (VBP) produzido pela agropecuária foi de R\$ 28,3 bilhões, o que representa 30% do Produto Interno Bruto (PIB) catarinense (Brasil, 2021). Desse total, enquanto R\$ 17,9 bilhões correspondem à pecuária, R\$ 10,3 bilhões, às lavouras. Entre 2003-2020, a agropecuária catarinense passou de R\$ 11,7 bilhões para R\$ 28,3 bilhões, o que representa um crescimento da ordem de 2,4 vezes. Nas exportações, em 2019, o valor gerado pelos produtos agrícolas catarinenses foi de US\$ 6,2 bilhões (Brasil, 2021). Nesse contexto, o PIB do Oeste Catarinense cresceu de R\$ 12,7 bilhões para R\$ 61,3 bilhões, o que revela um crescimento da ordem de 4,83 vezes (Ibge, 2021a). Desses valores, a agropecuária no Oeste estado aumentou de R\$ 2,6 bilhões para R\$ 8,1 bilhões em preços correntes. Sendo, nas lavouras (temporárias e permanentes), o valor de produção atingiu em 2021, R\$ 5,03 bilhões, e a pecuária, o valor de produção passou, de R\$ 3,1 bilhões (Ibge, 2021a).

Diante do dinamismo e da representatividade da agropecuária no Oeste catarinense, este texto tem como objetivo desvendar a eficiência produtiva agrícola⁴⁶ no Oeste catarinense e o novo espraiamento ocorrido nas estruturas microrregionais de produção pós-2003. Justifica-se a escolha do período em virtude de a economia brasileira ter vivido, entre 2003-2019, dois momentos distintos. Enquanto entre 2003-2011 o crescimento do PIB foi em média de 3,9%, entre 2011-2019, caminhou para uma queda, resultando em taxa média de crescimento de 0,5%. Em termos per capita, entre 2003-2010, o PIB cresceu duas vezes, passando de R\$ 9,5 mil para R\$ 19,9 mil. Já, entre

⁴⁶ No texto optou-se pela agropecuária (lavouras e criações), pois se caracterizou por significativa especialização e diferenciação mesorregional, com diversos territórios produtivos dominados pelas culturas de grãos e por rebanhos que outrora não exerciam essas funções. As abordagens territoriais são necessárias, pois “o complexo produtivo da agricultura desenvolveu-se com a formação de inúmeros segmentos produtivos com estruturas produtivas para mais além dos limites da agropecuária, rompendo com a concepção rural ao formar cadeias de produção que não mais se explicam pela dicotomia campo-cidade. Nesse processo, em que cada vez mais a produção passou a ser cada vez menos ‘fruto da terra e do trabalho do homem’, na acepção bíblica cristã, não apenas o trabalho foi potencializado e perdeu espaço para a mecanização e automação, mas também a terra perdeu espaço para a fertilização, correção e genética, que impulsionaram a produtividade da terra. A agropecuária moderna pode ser feita com menos terra e menos trabalho, mas com muito mais capital, estando inserida na lógica de expansão da reprodução ampliada do capital. O complexo da agropecuária pode ser visualizado como uma estrutura de segmentos setoriais na qual a produção biológica passa a ser veículo estratégico para a combinação de insumos e instrumentos gerados fora dos campos e a ser fornecedora de bens intermediários para estruturas de agregação de valor, envolvendo empreendimentos em cadeias que se iniciam nas fábricas de insumos e maquinaria e finalizam-se nas estruturas de varejo” (Gonçalves, 2005, p. 10-11).



2010-2017, cresceu uma vez e meia (Cunha, 2020).

Mediante intenção de alcançar tal objetivo, utilizou-se a categoria formação socioespacial elaborada por Santos (1977)⁴⁷, bem como a abordagem das combinações geográficas de Cholley (1964). Segundo Santos (1977), uma formação socioespacial é uma realidade concreta, que se transforma, evolui e muda com o processo histórico. Trata-se de uma categoria das totalidades históricas que deve ser considerada como expressão socioespacial dos processos que se singularizam em virtude de determinadas combinações. Assim, cada formação socioespacial é singular, na qual os processos gerais interagem com as características particulares, gerando combinações geográficas específicas.

Em relação as combinações geográficas, conforme Cholley (1964), podem ser de três tipos: (i) aquelas que convergem de fatores físicos (a geomorfologia, a hidrologia, etc.); (ii) as de complexidade maior de ordem física e de ordem biológica (o cerrado); e (iii) as de ordem tridimensional, mais complexas e muito mais requintadas de detalhes, de ordens físicas, biológicas e humanas (agricultura, indústria, comércio). Essas combinações geográficas ampliam as possibilidades das análises, pois a realidade é fruto das relações contraditórias entre os aspectos naturais e humanos. Essas relações são estabelecidas em múltiplas escalas (mundial, nacional, regional e local) e permitem compreender um determinado objeto de estudo num universo mais amplo. Para uma combinação ser originalmente geográfica, é necessário que ela interfira na totalidade de um grupo humano, pois o caráter geográfico é determinado pela relação espaço e tempo. Um determinado sistema agrícola é composto por combinações geográficas mais complexas, pois resultam da interação de elementos físicos (solo, clima, etc.), elementos biológicos (flora) e elementos humanos (máquinas e mão de obra). Assim, o homem, para escolher um determinado cultivo e as técnicas mais adequadas, tem de observar as condições naturais que o cercam para obter as colheitas necessárias à sua sobrevivência

Com isso, as estruturas técnicas e produtivas se expressam geograficamente por meio das atividades de produção, distribuição, circulação e consumo. Por isso, o estudo das bases físicas, como o relevo, hidrografia, tipos de solo e as variações climáticas é de fundamental importância para a ocupação humana de um território. Dessa maneira, tais

⁴⁷ O interesse do texto é recuperar a categoria formação socioespacial como possibilidade de ser um mecanismo eficiente para interpretar a realidade da agropecuária do Brasil e de suas regiões.



fatores permitem que a relação sociedade e natureza sejam apreendidas, considerando processos históricos que, mesmo passíveis de generalização, têm suas particularidades definidas espacial e temporalmente (Mamigonian, 2005).

Na esteira do grande varejo da diversidade dos setores no interior dos agronegócios, procurou-se enfatizar a eficiência das atividades dentro das fazendas, com destaque para as lavouras (temporárias e permanentes) e a pecuária. Para tanto, foram selecionados os principais produtos com representatividade na produção, área plantada, valor bruto produzido no Oeste de Santa Catarina. Ainda do ponto de vista metodológico, utilizou-se a divisão mesorregional e microrregional do estado de Santa Catarina, definida por IBGE (2012). Também, optou-se pela abordagem exploratória via levantamento bibliográfico e documental (Gil, 1994). Foram feitas análises de diferentes artigos, livros e teses, visando avaliar e situar a bibliografia relativa à temática exposta. Didaticamente, o artigo foi desenvolvido com base em fontes primárias, secundárias e pesquisas de campo⁴⁸.

O levantamento de dados estatísticos foi realizado nos relatórios da Produção Agrícola Municipal (PAM) e no Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), ofertados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Buscaram-se ainda informações na Síntese Anual da Agricultura Catarinense, publicada pela Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI/CEPA), nos relatórios do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Dentre as fontes secundárias, destacam-se artigos em periódicos indexados, teses, dissertações, livros e sítios de entidades empresariais e governamentais na internet.

⁴⁸ Segundo Cunha (2020, p. 42), “é sabido que para as pesquisas geoeconômicas, tanto regionais quanto gerais, dispõe-se de inúmeras bases de estatísticas e informações de instituições públicas e privadas. Sabe-se, também, que essas informações são alvo de duras lutas entre diversas classes de tecnocratas e burocratas, cujos objetivos são os questionamentos de métodos e técnicas de aferimento dessas estatísticas. Dessa forma, para fugir desse problema político, há uma solução: espírito crítico e a indiscrição, sob a forma de trabalho de campo, isto é, inquéritos e observações pessoais. Ou seja, a pesquisa baseada no trabalho de campo é, portanto, um elemento indispensável da percepção objetiva dos dados de base do raciocínio científico; quando ela está ausente, elaboram-se teorias que só têm relações longínquas com a realidade perceptível e que, por esse motivo, não têm qualquer utilidade social, pois não podem orientar a ação”. Assim, as pesquisas de campo foram realizadas pelos autores, entre junho de 2019 e dezembro de 2021, com diversas instituições e produtores, nas seguintes microrregiões do Oeste do estado de Santa Catarina, polarizadas pelas seguintes cidades: Chapecó; Concórdia; Xanxerê; Joaçaba.

Além desta introdução e das considerações finais, o texto divide-se em três itens: (1) destaca a ocupação territorial e as transformações nas estruturas agropecuárias do oeste catarinense; (2) apresenta a eficiência da produção dos principais produtos agrícolas da mesorregião Oeste e, por fim; (3) traz considerações sobre o novo espraiamento territorial da agropecuária do oeste de Santa Catarina.

DA OCUPAÇÃO TERRITORIAL ÀS TRANSFORMAÇÕES NAS ESTRUTURAS AGROPECUÁRIAS DO OESTE CATARINENSE

O processo de ocupação completar-se-ia no início do século XX com a ocupação das terras do Oeste catarinense⁴⁹. Várias empresas de colonização e capitais comerciais intensificaram o comércio de terras no Oeste de Santa Catarina, retalhando-o em pequenos lotes. Esses lotes, por sua vez, seriam vendidos a descendentes de italianos e alemães provenientes do Rio Grande do Sul (Mamigonian, 1966).

Assim, na região oeste de Santa Catarina estabeleceram-se milhares de pequenos agricultores, artesãos, operários, comerciantes, que já praticavam uma significativa divisão social do trabalho (Mamigonian, 1966). No interior dessas propriedades, os produtores plantavam milho, trigo, alfafa, feijão, mandioca, batata; criavam porcos, galinhas, gado; e desenvolviam a colheita da erva-mate e a extração da madeira. Paralelamente, confeccionavam suas casas, seus galpões, suas ferramentas de trabalho e demais utensílios necessários para o desenvolvimento de seus trabalhos.

Dessa maneira, nessas áreas desenvolveu-se uma pequena produção mercantil. À medida que essa estrutura produtiva se inseria na divisão social do trabalho, o complexo rural especializava-se e expelia para fora as atividades não agrícolas. Espírito Santo (1998) demonstrou que, desde o início do século XX, se intensificaram o uso de terras e a utilização de máquinas e de implementos agrícolas para a produção agropecuária.

Nesse processo de modernização da agricultura, as áreas de pequena produção

⁴⁹ Em um processo histórico, a mudança que interessa para o conhecimento é a mudança em relação ao todo. O presente e o futuro não são a meta da história passada. Assim, em uma sociedade capitalista, por ela ser a mais desenvolvida e conter variadas formas de produção, que são mais elaboradas, ela nos permite mostrar certas características de sociedades passadas, como resíduos e vestígios ainda presentes (Cunha, 2020).



mercantil, emergiram diferentes cadeias produtivas, como as de beneficiamento de carnes (bovina, avícola e suína), de leite e seus derivados, de fumo, de soja, de milho, de frutas, entre outras (Cunha, 2020). Sendo assim, essa moderna agropecuária está inserida em um ambiente em constante evolução e, nos anos de 1990, diante da abertura comercial, do fim do crédito rural, a sobrevalorização cambial e a redução de tarifas de importação de produtos agrícolas viram-se obrigadas a promover um intenso processo de reestruturação técnico-econômica.

Dentre as principais reestruturações, destacam-se o aumento das fusões e aquisições, a desnacionalização de diferentes segmentos, as terceirizações, a incorporação de novas tecnologias, a redução do ciclo completo na suinocultura, o abandono e redirecionamento para novas atividades (turismo rural, agroindústrias familiares, pequenas cooperativas, etc.), uma maior integração vertical e horizontal nas cadeias produtivas, a redução do número de produtores menos capitalizados e com menor produtividade, em contraposição à ampliação da importância dos produtores com melhor nível técnico, a ampliação da capacidade produtiva, especialização produtiva, o surgimento de novos mecanismos de financiamento e de crédito aos agronegócios (o Certificado de Mercadoria com Emissão de Garantia, a Cédula do Produto Rural, o Certificado de Depósito Agropecuário, o Warrant Agropecuário, o Certificado de Direitos Creditórios do Agronegócio, a Letra de Comércio Agrícola e o Certificado de Recebíveis do Agronegócio e o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), entre outras (Cunha; Espíndola, 2024).

A combinação do processo de reestruturação técnico-econômica e os novos mecanismos de financiamento possibilitaram que, no período entre 1985 e 1999, a agricultura catarinense crescesse a uma taxa superior da agricultura do Sul do Brasil e da brasileira. Assim, enquanto a agricultura catarinense cresceu 83%, a do Sul do país aumentou 67%, e a brasileira 54%. Isso possibilitou uma crescente participação da agropecuária catarinense no conjunto da agropecuária brasileira, pois, se, em 1985, a agropecuária catarinense representava 5,2% da brasileira, em 1999, esse percentual alcançou 6,4% (Espíndola; Cunha, 2024).

Como já dito, a partir de 2003, a economia brasileira apresentou dois ciclos de crescimento econômico distintos. Em Santa Catarina, no período de 2003-2011, o PIB cresceu de 62 milhões para 169 milhões, o que representou um aumento de 2,7 vezes, reduzindo-se para 2,6%, em 2016 (Espíndola; Cunha, 2024). Nessa conjuntura, pergunta-

se: qual foi a eficiência produtiva dos principais produtos da agropecuária no oeste catarinense?

DESEMPENHO DA PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS MESORREGIÃO OESTE

Entre 2003-2020, o PIB do Oeste Catarinense cresceu de R\$ 12,7 bilhões para R\$ 61,3 bilhões, o que revela um crescimento da ordem de 4,83 vezes (IBGE, 2021a). Desses valores, a agropecuária no Oeste estado aumentou de R\$ 2,6 bilhões para R\$ 8,1 bilhões em preços correntes. Sendo, nas lavouras (temporárias e permanentes), o valor de produção atingiu em 2021, R\$ 5,03 bilhões, e a pecuária, o valor de produção passou, de R\$ 3,1 bilhões (IBGE, 2021a).

Cabe ressaltar que, o principal produto das lavouras do Oeste catarinense é a soja. Plantada em mais 332 mil hectares e produzindo 1,1 milhão de toneladas, em 2021, o valor produzido por essa cultura atingiu R\$ 2,5 bilhões representando 50% do valor total da mesorregião. Esse desempenho da produção de soja, poderia estar diretamente associado à expansão da área plantada. Contudo, conforme Cunha e Cruz (2017, p. 753), para além da conjuntura econômica e da estrutura técnica produtiva, um fator que ajuda a elucidar esse crescimento é a relação preço/custo da soja no mercado e a renda possibilitada por essa cultura, que influencia diretamente na escolha entre a soja, e como, por exemplo, o milho, uma vez que a relação entre custos de produção e da capacidade de rendimento das culturas, em geral, quando o preço da soja é pelo menos 2,3 vezes o preço do milho, a produção de soja é mais favorável ao produtor, que opta pela oleaginosa. Mesmo com queda na área plantada e na quantidade produzida, o milho ainda é um importante bens agrícola no mesorregião Oeste. Em 2021, o valor de produção chegou em R\$1,1bilhão (IBGE, 2021a).

Na, pecuária, apesar da redução das áreas de pastagens e diminuição do número de produtores de suínos e de aves (Cunha, 2020), a produção no Oeste do estado aumentou. O número de bovinos, entre 2003 e 2021, saiu de 1,4 milhão para 2,1 milhões de cabeças. Na suinocultua, o número de cabeças, no mesmo período, passou de 4,1 milhões para 6,4 milhões (Ibge, 2021c).

Não é de maneira alguma desnecessário recordar que, à luz dos acontecimentos nos últimos cinquenta anos, a agricultura do Oeste catarinense transformou-se em um

ramo especializado, competitivo e dinâmico e conseguiu se consolidar no mercado nacional e mundial de alimentos e de produtos agrícolas. Saiu de uma agricultura de baixa produtividade e de inovações tecnológicas escassas para uma produção agrícola de alta produtividade e com *savoir-faire* tecnológico, uma vez que conseguiu forjar suas vantagens competitivas dinâmicas agroindustriais, e essas são atreladas às combinações geográficas (Cunha; Espíndola. 2024).

Dessa maneira, os desempenhos da produção dos bens agrícolas do Oeste catarinense manifestam-se territorialmente, pois a produção, apesar de diversificada, está desigualmente distribuída, promovendo, ao longo de sua evolução, concentrações produtivas territoriais.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O NOVO ESPRAIAMENTO TERRITORIAL DA AGROPECUÁRIA DO OESTE DE SANTA CATARINA

A mesorregião Oeste Catarinense, possui cinco microrregiões, e maior em termos PIB é a microrregião de Chapecó com 36,6% (R\$ 22,6 bilhões) do PIB em 2020. Joaçaba vem em segundo lugar com 27,7% (R\$ 17 bilhões). Concórdia, São Miguel do Oeste e Xanxerê ficam cerca de 10% cada do PIB mesorregional (Ibge, 2021a).

Na variável valor de produção na agropecuaria, todas microrregiões do Oeste do estado de Santa Catarina tiveram variação competitiva positiva. As microrregiões de Chapecó e Joaçaba em 2020, obtiveram uma evolução nas receitas na casa de R\$ 2,1 bilhões cada, representando mais 50% do valor geral. Concórdia, São Miguel do Oeste e Xanxerê, ficaram, respectivamente, com: R\$ 1,1 bilhão; R\$ 1,4 bilhão; R\$ 1,3 bilhão (Ibge, 2021b).

Essa dinâmica microrregional do oeste do estado de Santa Catarina desenreda-se singularmente, devido ao aumento da produção dos bens agrícolas provenientes de lavouras temporárias e permanentes, com exceção do fumo e do milho. A microrregião de Xanxerê é responsável pela maior safra de soja; sozinha é encarregada por 44,5% (482 mil de toneladas) da produção de soja do Oeste. Joaçaba, possui a maior produção de milho 43% (375 mil de toneladas) da colheita mesorregional. E as maiores colheita de cebola, maçã, tomate e uva. Em relação a cultura do trigo no Oeste de Santa Catarina, a microrregião de Chapecó possui 45% (76 mil toneladas). A microrregião de São Miguel do Oeste se destaca em: mandioca; milho; soja e trigo. Por sua vez, a microrregião de Concórdia possui relevância na produção de erva-mate (Ibge, 2021b).



Distintivamente das lavouras, na pecuária, a concentração apresenta-se de forma acentuada no rebanho de bovinos, suínos e frangos. As microrregiões de Chapecó e São Miguel do Oeste dominam a criação de bovinos, pela ordem: 665 mil e 510 mil cabeças em 2021. Diferentemente do ramo de gado bovino, o suíno são excessivamente concentrados nas microrregiões de Concórdia e Joaçaba, em 2021, respectivamente: 1,8 milhão e 1,6 milhão de cabeças. Em 2021, a criação de frango, a microrregião de Joaçaba lidera com folga a produção com cerca de 31 milhões de cabeças. E na produção de madeira, se destacam: Joaçaba e Xanxerê (Ibge, 2021c).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse novo processo de espraiamento microrregional que vem ocorrendo no Oeste do estado de Santa Catarina, ocorre, sobretudo, nos produtos das lavouras temporárias e permanentes, e na silvicultura, especialmente, a madeira. E esse processo é determinado pelas vantagens dinâmicas competitivas. No Oeste catarinense sofre processos de desconcentração, especialização; disseminação em todas as microrregiões.

Dessa maneira, para se ter um grau de entendimento razoável desses processos na agropecuária moderna de escala e escopo, é necessário compreender as especificidades de todos os seus processos produtivos dinâmicos em suas origens e desenvolvimentos. No Brasil, como um país continental, a luminosidade (luz solar), solos e seus nutrientes, temperatura, umidade, relevo, formas de ocupação e de manejo dos territórios são essenciais para entender as estratégias de produção das regiões produtoras, pois essas se diferenciam, e suas necessidades são díspares uma das outras (Cunha, 2020).

Por fim, a história não rege o homem, mas sim, o irremediavelmente contrário. A história é apenas a atividade do homem que vai em busca dos fins dele mesmo. Ou seja, não devemos confundir a reprodução da realidade com o processo de construção dessa realidade (Cunha, 2020). Então, o processo histórico leva em conta as estruturas produtivas, as relações territoriais e sociais e as estruturas espaciais, interação entre o novo e o velho, com domínio do primeiro. Cada momento do processo histórico de desenvolvimento, com sua estrutura econômica, social, política, cultural, dentro de uma formação socioespacial, tem uma significação particular. Por isso, como foi explanado, uma determinada área geográfica “não tem funções permanentes, nem um nível de



forças produtivas fixos e relações de produção e de propriedade imutáveis. Interação e evoluem no processo” (Santos, 1977, p. 84). Contudo, as novas estruturas e configurações territoriais não se realizam por completo e não se pode cair em determinismos específicos territoriais, pois não há vocação, o capital transforma-se no tempo e espaço (Santos, 1977).

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Estatísticas do valor bruto da produção agropecuária**. 2021a. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/>>. Acesso em: 25 fev. 2023.
- CHOLLEY, A. Observações sobre alguns pontos de vista geográficos. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, n. 180, p. 267-276, 1964.
- CUNHA, R. C. C. **A geoeconomia da cadeia produtiva da soja no Brasil**. 2020. 313 f. Tese (Doutorado)- Curso de Geografia, Geociências, Universidade de Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- CUNHA, R. C. C.; CRUZ, W. L. de M. Aspectos geoeconômicos da cadeia produtiva da Soja no Estado de Santa Catarina: Produção e Circulação. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 745- 769, 2017.
- CUNHA, R. C. C.; ESPÍNDOLA, C. J. Sistema nacional de inovação: agricultura brasileira e suas inovações tecnológicas. **Revista De Geografia**, 40 (3), 185–207, 2024.
- ESPÍNDOLA, C. J., CUNHA, R. C. C. DESEMPENHO GEOECONÔMICO DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO E CATARINENSE PÓS-2003. **Revista Catarinense De Economia**, 7(1), 2–15, 2024.
- ESPÍRITO SANTO, E. Agricultura no Estado de Santa Catarina, Período 1920-1985. **Estudos Econômicos**, São Paulo v. 28, n. 3, jul-set, p. 453-473, 1998.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Atlas: São Paulo, 1994.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PIB municipal**. Rio de Janeiro, 2021a. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/home/pimpfbr/brasil>>. Acesso em: 23 fev. 2023
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Agrícola Municipal**. Rio de Janeiro, 2021b. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/home/pimpfbr/brasil>>. Acesso em: 26 fev. 2023.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Pecuária Municipal**. Rio de Janeiro, 2021c. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/home/pimpfbr/brasil>>. Acesso em: 26 fev. 2021.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas**. Rio de Janeiro, v. 1 2012. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?=&t=o-que-e>> Acesso em: 10 mar. 2021.
- MAMIGONIAN, A. Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**, n. 3, p. 389-480, Rio de Janeiro: IBGE. 1966.
- SANTOS, M. Sociedade e espaço: A formação social como teoria e como método.



ANAIS do 5º Seminário Nacional de Geografia Econômica e Social
O MUNDO ATUAL: TRANSFORMAÇÕES NA GEOGRAFIA ECONÔMICA E SOCIAL
Foz do Iguaçu 12 a 17 de agosto de 2024

Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, v. 54, p. 81-100, jun. 1977.